

A proposta de Covas para a dívida

por Maria Helena Tachinardi
de Brasília

O candidato do PSDB à sucessão presidencial, senador Mário Covas, defendeu ontem, diante de uma platéia de diplomatas estrangeiros, que, se eleito, procurará reduzir a dívida externa de acordo com os valores sinalizados pelo mercado secundário.

A opção pela securitização da dívida, segundo Covas, também poderá passar pela via das soluções globais, como as que constam do Plano Brady, em que um organismo multilateral, como o Banco Mundial, ou o FMI, dotado de fundos especiais, financiaria a recompra da dívida com deságio. Somente se essas alternativas não derem certo, o governo do PSDB partiria para a mortuária unilateral.

Essa posição foi apresentada a cerca de 80 diplomatas de embaixadas do Pri-

meiro Mundo (EUA, Japão, Canadá, Alemanha, Suíça e Reino Unido) e de países africanos, asiáticos e latino-americanos, em almoço organizado pelo círculo diplomático de Brasília, que reúne membros de 82 representações diplomáticas.

Covas foi o segundo candidato a se apresentar oficialmente ao círculo. O primeiro, no mês passado, foi o deputado Roberto Freire (PCB). Em outubro, o convidado será Guilherme Afif Domingos, do PL. Haverá ainda, antes das eleições, chance para mais um presidencial, que poderá ser o ex-governador Leonel Brizola (PDT) ou Fernando Collor de Mello (PRN).

A questão da dívida externa e o tratamento ao capital estrangeiro foram os pontos que mais motivaram perguntas. O candidato do PSDB, respondendo a uma pergunta sobre a formação de um "cartel" de

devedores na América Latina, disse que considera a idéia difícil de ser colocada em prática.

Sobre o capital estrangeiro, Covas sugeriu que seu papel deve ser o de complementar a poupança nacional. Acrescentou que o Brasil necessita do aporte tecnológico das empresas estrangeiras que, por sua vez, buscam um mercado interno amplo e maiores coeficientes de exportação. Esses dois pontos, salientou, somente poderão ser atingidos com um programa de investimentos que passa pela redução dos pagamentos do serviço da dívida.

Na opinião de vários diplomatas presentes, Covas não propõe mudanças na condução da política externa brasileira. Se eleito, de-

verá dar continuidade à linha de ação do Itamaraty: ênfase na necessidade de reforma do sistema financeiro e monetário internacional; modificações no Gatt, para que haja um reforço de suas características multilaterais e de não discriminação; uma repartição mais equitativa dos frutos do comércio mundial; o fortalecimento político do grupo dos 77; e a busca, pelo Brasil, de novas alianças entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Quanto à integração com a Argentina, Covas discorda da posição do presidente argentino, Carlos Menem. Ele considera que "é necessário solidificar bem o movimento integracionista no Cone Sul antes de agregar a ele novos parceiros".